



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Programa do Ratinho

Granja do Torto, Brasília-DF, 21 de abril de 2004.

Ratinho: O Brasil inteiro sabe, Presidente, que você para mim não é só o meu presidente, você é meu amigo, não é? Eu... quando nós conversamos, logo no começo, você não era o presidente ainda, você... Para mim, você não mudou nada. Você continua o mesmo presidente. A pergunta que eu estou fazendo é a seguinte, que eu quero fazer é a seguinte: você era mais feliz quando você estava lá no bairro Carioca, aquele banheiro que não tinha porta, aquelas coisas lá que você me contou?

Presidente: Na Vila Carioca?

Ratinho: Na Vila Carioca. Ou agora, como presidente da República? Se fosse analisar a felicidade: é mais feliz agora ou naquela época?

Presidente: Não... É preciso, Ratinho, medir o momento histórico da Vila Carioca e o momento histórico agora. Obviamente que do ponto de vista do ser humano, do ponto de vista do moleque que eu era na época, eu tinha muito mais liberdade naquele tempo. Eu podia fazer o que eu quisesse, que ninguém se incomodava com a minha vida.

Ratinho: Ninguém estava te cobrando...

Presidente: Ser presidente da República é um eterno vigiar, ou seja, você não tem liberdade para absolutamente nada, você é vigiado e cobrado o tempo inteiro. Agora, eu não reclamo porque eu briguei muito para ser isso, não é? Eu



queria ser presidente da República, eu briguei para ser porque eu achava que a gente poderia começar a dar a este país a dignidade e a cidadania que o povo brasileiro esperava.

Então, acho que são momentos diferentes. Eu vivi bem os dois momentos. Eu fui muito pobre na minha infância, mas eu aprendi com a minha mãe a não me queixar da pobreza. Ou seja, é olhar para frente, ver o que a gente pode fazer e viver bem cada momento que a gente estiver vivendo. Esse negócio de ficar chorando e lamentando não é comigo.

Ratinho: Agora, Presidente, você...

Presidente: Se você perguntar para mim: “Ô Lula, era melhor o tempo em que você estava na fábrica?”. Eu falo assim: bom... o tempo em que eu estava na fábrica eu tinha horário para levantar, eu tinha horário para sair da fábrica e quando saía da fábrica...

Ratinho: (incompreensível) e daí, na hora do almoço, você comia aquele prato, arroz, feijão...

Presidente: Não, a gente tinha uma hora para almoçar e ainda tinha que jogar bola uns 30 minutos. Então, você engolia a comida para ir jogar bola.

Ratinho: Jogar bola de macacão, então?

Presidente: De macacão e tudo. Então, do ponto de vista pessoal, naquele tempo você tinha as coisas mais livres. Hoje não. Hoje um presidente da República não tem, um presidente da República não tem liberdade, essa é a verdade, ou seja, ele é vigiado o tempo inteiro e nós temos mais responsabilidade, temos que medir mais as nossas palavras, mais os nossos



gestos, nós temos mais cobranças. Mas, de qualquer forma, ser presidente da República deve ser a maior realização que um ser humano tem, porque todo mundo briga para ser.

Ratinho: Estamos aí com um ano e pouco do seu mandato, e a pergunta que eu tenho certeza que o meu povo quer saber: você acredita que nesses dois anos e pouco que faltam, quase três anos que faltam, você vai mudar muita coisa no Brasil?

Presidente: Eu acredito, eu acredito, Ratinho, que nós vamos fazer grande parte das coisas que nós sonhamos fazer e vamos cumprir o programa que nós nos comprometemos com a sociedade brasileira, porque não é difícil. Ora, nós tivemos um primeiro ano muito complicado em que nós encontramos o país quase na UTI. Hoje, eu posso dizer para você que este país saiu da UTI e ele já está andando nos corredores do hospital.

Ratinho: Certo.

Presidente: O país já reconquistou a sua credibilidade, nós já temos hoje uma dimensão muito maior no mundo do que nós tínhamos um ano atrás. Hoje o Brasil bate recorde atrás de recorde nas suas exportações. Estamos tendo superávit comercial. O orçamento para que nós façamos investimentos em habitação, saneamento básico, cresceu este ano, nós temos mais dinheiro. Nós temos mais dinheiro para financiar crédito.

Ratinho: Quer dizer... para o povo entender. O ano passado foi o ano de arrumar o terreno, como se a gente estivesse construindo uma casa. Quer dizer, o ano passado foi um ano para arrumar o terreno e, este ano, nós estamos fazendo o alicerce deste terreno para construir a casa.



Presidente: É mais ou menos isso. Vamos pegar a agricultura, já que o Roberto Rodrigues está aqui conosco, nosso ministro da Agricultura. O ano passado foi o ano de preparar a terra. Este ano nós semearmos, já, tudo o que nós tínhamos que semear, e vamos começar a colher agora. E vamos começar a colher porque os investimentos já estão sendo feitos e as coisas começam a acontecer. Eu, de vez em quando, fico deitado, pensando nessa situação do Brasil e eu fico sempre imaginando o trabalhador que fica desempregado durante dois anos. Ele fica devendo para todo mundo. Ele fica devendo no bar da esquina, na padaria...

Ratinho: Para todo mundo...

Presidente: ...para o cunhado, para o sogro, para todo mundo. Quando ele começa a trabalhar, que ele recebe o primeiro pagamento, coitado, todo mundo pensa que ele pode pagar todo mundo.

Ratinho: Vai cobrar todo mundo junto.

Presidente: E ele não pode pagar. Ou seja, é preciso ter um tempo para que ele reestruture a sua vida e comece a pagar o que ele tem que pagar. Governar é a mesma coisa. Nós pegamos um país que não tinha confiabilidade externa, nós tínhamos 2.400 pontos de Risco Brasil, nós não tínhamos crédito nenhum para financiar nossas exportações. Tivemos que tomar posse fazendo um corte no nosso orçamento de quase R\$ 14 bilhões, ou seja, uma coisa monstruosa. Mas fizemos isso porque entendíamos que era necessário fazer para poder controlar a coisa e fazer com que o Brasil pudesse dar passos mais certos e mais consolidados no ano seguinte. E eu estou tranquilo de que nós vamos dar. Eu, de vez em quando, fico vendo umas críticas que fazem a mim,



Ratinho. Eu fico pensando o seguinte: muitas dessas pessoas que sabem como estava o Brasil em 2002, que sabem como estava o Brasil no começo de 2003, na verdade, eles fazem críticas porque são obrigados a fazerem críticas, mas depois eles devem, sozinhos, dar graças a Deus de nós termos ganho as eleições e termos recuperado o nosso Brasil. E vamos recuperar. A economia vai crescer, nós vamos gerar os empregos, vamos bater novos recordes de exportação no nosso país e vamos gerar os empregos que nós precisamos gerar.

Ratinho: Agora, muita gente me pergunta: “Olha, Ratinho, você é amigo do presidente Lula? O Presidente não está viajando muito? O Presidente não está passeando muito?” Você vai passear com o (incompreensível), não?

Presidente: Olha, eu acho que é normal que o povo pense assim. Eu, de vez em quando, vejo alguém, alguém me pergunta no comício. Eu acho que é normal. Muitas vezes, o que eu não compreendo é como é que uma pessoa experimentada faz crítica. Porque, quando nós tomamos posse, nós, em função da falta de credibilidade que o Brasil tinha, nós resolvemos, então, reconquistar essa credibilidade. Montamos uma estratégia para viajar o mundo. Primeiro, consolidar a América do Sul, ou seja, Brasil e Argentina tinham rugas e mais rugas, parecia Palmeiras e Corinthians. Nós, hoje, estabelecemos uma relação entre Brasil e Argentina que é a melhor, na minha opinião, de toda a história de Brasil e Argentina.

Ratinho: De toda a história. Pelo menos no meu tempo, é essa.

Presidente: Depois resolvemos, então, fazer com que todos os países da América do Sul participassem do Mercosul, para que o Mercosul fosse mais forte. Nós já temos toda a Comunidade Andina participando e, até dezembro,



nós teremos toda a América do Sul unificada no Mercosul. Depois, nós vamos até o final do ano, também, construir um acordo com a União Europeia e Mercosul.

E, aí, nós resolvemos viajar para o chamado “mundo desconhecido”. Nós fomos para o Mundo Árabe. O último presidente... a última autoridade brasileira a viajar para o Líbano, por exemplo, foi Dom Pedro II, em 1876. Nós visitamos sete países do Mundo Árabe, muita gente dizia que era uma loucura. Conclusão: hoje nós já estamos colhendo o resultado, porque estão crescendo muito as exportações para o Mundo Árabe.

E nós fizemos uma coisa mais importante, Ratinho: nós estamos fazendo um encontro, pela primeira vez, um encontro entre todos os países árabes e todos os países da América do Sul, em dezembro, aqui no Brasil, para que a gente possa consolidar um novo bloco comercial. Eles têm que descobrir a América do Sul e, dentro da América do Sul, descobrir o Brasil.

Depois nós fomos à Índia, que é um parceiro extremamente importante para o Brasil, e é um parceiro que a gente pode estabelecer uma relação muito forte.

Depois nós fomos para a África, visitar Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Namíbia, África do Sul, que são países... com alguns nós temos dívidas históricas e, portanto, nós temos que ter uma relação muito boa, até por conta da língua portuguesa. A África do Sul, porque é um país com muita similaridade com o Brasil, parece muito com o Brasil, inclusive do ponto de vista do crescimento, tem tecnologia igual ao Brasil, e nós poderemos fazer trocas extraordinárias.

Agora, nós temos dois países importantes. Agora em maio eu vou para a China, que a China se transformou – depois dos Estados Unidos – no principal parceiro individual das exportações brasileiras, e nós temos uma relação estratégica com a China. E agora, já falei com o presidente Putin, da Rússia, ele está vindo aqui neste ano, e no ano que vem eu vou para a Rússia, para a



gente consolidar uma nova geografia comercial no mundo.

Eu aprendi no sindicato isso, Ratinho. A gente não pode ficar esperando que alguém nos dê aquilo que nós temos o direito de conquistar, nós temos que brigar por isso. E o Brasil pode vender muito mais, o Brasil pode comprar muito mais, o Brasil pode ter uma relação muito mais forte.

Se eu ficasse apenas aqui dentro, essas coisas não aconteceriam. Então nós viajamos, meus ministros viajam, e viajam que nem uns malucos, ou seja, muitos não param no Brasil 15 dias seguidos, porque têm que viajar, porque nós temos que ser aquele mascate...

Ratinho: Nós temos que vender o Brasil lá fora, não é isso?

Presidente: Lógico, nós temos que ser que nem um mascate, que nem você para vender o teu programa, meu caro.

Ratinho: Tem que sair.

Presidente: Se você ficasse esperando alguém te chamar em casa...

Ratinho: Se eu não viesse conversar com você, não ia ter essa audiência.

Presidente: Então, não dá para a gente ficar esperando alguém vir atrás de nós, não. O Brasil tem a melhor agricultura do mundo, o Brasil tem o agronegócio, que é uma coisa extremamente fantástica, e nós estamos atrás.

Ratinho: Bom, o povo... a gente saiu na rua e o povo quer perguntar, aproveitar o nosso programa, a popularidade do programa, para o Presidente que é o presidente mais popular da história do Brasil, perguntar as coisas do povo. Vamos ver o que o povo fala. Vamos ver.



Senhora Glória Silva: Meu nome é Glória Silva. Eu gostaria de saber, senhor Presidente, o que você pretende fazer para diminuir a violência.

Presidente: Olha, minha querida Glória, a questão da segurança pública e da violência talvez seja um dos problemas mais graves que nós vivemos no país, hoje, e não é um problema de fácil solução. Quem disser que é de fácil solução, na verdade, não está falando a verdade. Nós, desde o começo do ano passado, começamos a trabalhar junto aos governadores para criar um sistema único de segurança pública no Brasil, envolvendo a Polícia Militar, a Polícia Civil, a Polícia Federal, os governos dos estados (falha na gravação) ...alguns investimentos do Estado nas grandes regiões metropolitanas: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Fortaleza, Porto Alegre, Curitiba.

Por que isso? Belo Horizonte... Por que nós vamos fazer isso? Porque é nessas cidades que tem a maior área de risco. É muita gente concentrada, muita gente desempregada. Então, nós vamos dedicar parte do esforço do primeiro emprego para a região metropolitana, nós vamos fazer muito investimento em habitação e em saneamento básico.

Só para você ter uma ideia, Ratinho, nós nunca tivemos a quantidade de dinheiro que temos neste ano, para financiar casas. Só a Caixa Econômica tem R\$ 8,5 bilhões para financiar casas. Nós vamos ter um volume de investimento em saneamento básico que nunca tivemos na história do Brasil.

Eu vou dar um dado, só para você medir: em 2002, o governo anunciou 1,4 bilhão para saneamento básico. Desse 1,4 bilhão ele contratou apenas 262 e, desses 262, apenas 19 milhões foram contratados e realizadas as obras.

Nós, no ano passado, investimos 1,7 bilhão. Neste ano, só por conta do Orçamento da União, nós vamos ter, no acordo que o Palocci fez com o Fundo Monetário Internacional para tirar do superávit primário, 2,9 bilhões para saneamento básico; mais o dinheiro da Caixa Econômica, nós vamos chegar –



que é emprestado para os municípios – nós vamos chegar a R\$ 4,5 bilhões para investimento em saneamento básico.

Ratinho: Presidente, o povo fala muito de saúde. Nós vamos ter negócio de saúde?

Presidente: Vamos.

Ratinho: Como é que está essa área?

Presidente: E vamos ter coisas importantes, Ratinho. Eu vou dar só um dado para você.

Ratinho: Pois não.

Presidente: Nós tínhamos, quando pegamos o governo, 149 mil agentes de saúde; nós elevamos para 189 mil. E nós gastávamos com o Programa Saúde da Família, praticamente, 1,7 bilhão, estamos gastando agora 3,7 bilhões, na verdade, quase três vezes mais do que se gastava antes.

Mas, o mais importante é que nós vamos lançar agora, até o dia 7 de maio, vamos lançar um programa chamado Farmácia Popular. Nós vamos começar com uma experiência em São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro...

Ratinho: Para vender remédio mais barato.

Presidente: Para vender os remédios de uso continuado mais barato, ou seja, remédio para hipertensão, remédio para diabetes. Aqueles remédios que os nossos queridos velhinhos têm que tomar todo santo dia. Então, nós vamos fazer a Farmácia Popular para vender mais barato. E também vamos fazer



convênio com a rede privada de farmácias para vender determinados remédios mais baratos para o povo.

Segundo, nós inauguramos agora um programa chamado Samu. Nós vamos ter 1.480 ambulâncias equipadas, com equipe de saúde preparada para resgate. Vai atender aproximadamente 1.500 cidades, vai ter, inclusive, convênio com as Forças Armadas, com a Polícia Rodoviária, para ter helicóptero. Portanto, você peça a Deus para não sofrer nenhum acidente; mas se sofrer, vai ter o Samu, que vai atrás de você. Vai ter uma central de telefone em cada região e, quando acontecer alguma coisa de resgate, essa ambulância vai estar lá. Mil quatrocentos e oitenta ambulâncias nós vamos ter no Brasil, funcionando, agora.

E uma coisa importante que eu fui lançar em Sobral, no Ceará, que é o Saúde Bucal.

Ratinho: Esse é importante.

Presidente: Esse é extremamente importante...

_____ : (incompreensível)

Presidente: ...porque, ô Ratinho, nós temos no Brasil uma enormidade de jovens de 17 anos, 18 anos, que já não conseguem sorrir mais, porque não têm dentes.

_____ : É, o senhor não tem o dente em cima.

_____ : Tenho.

Presidente: Então, nós estamos criando centros de saúde bucal, ou seja, cada



centro para atender aproximadamente uma região de 500 mil habitantes. E essa pessoa vai ter desde o tratamento de canal à correção dos dentes, aqueles negocinhos de aço que as meninas colocam no dente, os meninos, que só rico tem, até agora, para pobre também ter. E se precisar de prótese, também vai ter, para ninguém ficar dependendo que um político dê uma prótese qualquer, em época de eleição.

Ratinho: Que beleza!

Presidente: No Brasil, lamentavelmente, a boca não era tratada como uma questão de saúde pública. E nós vamos tratar, porque entendemos que todos os brasileiros têm que ter direito a um bom dentista. Antigamente, a gente tinha na escola primária, hoje não tem mais. Agora, por que não tem? Porque dor de dente é coisa de pobre; rico não tem dor de dente, porque trata desde que nasce. Agora, pobre não, pobre vive com dor de dente, fica colocando cachaça no dente, colocando álcool no dente...

Ratinho: Eu coloquei, já.

Presidente: ...colocando um monte de coisas no dente. Por isso, Ratinho, eu estou tranquilo. Estou com a consciência de um cidadão que brigou muito para chegar onde eu cheguei, sabendo que tenho que fazer as coisas, sabendo da dificuldade, mas sabendo que somente com muito trabalho e com muita seriedade nós seremos capazes de chegar lá.

_____ : Os dois continuaram a conversa mais à vontade, caminhando pela Granja do Torto.

Presidente: Quando Bush falou para mim da Guerra do Iraque, em dezembro,



eu falei: olha, presidente Bush, a minha guerra não é contra o Iraque, a minha guerra é contra a fome...

Ratinho: Nossa senhora!

Presidente: ...eu tenho muito problema no meu país, eu tenho que trabalhar que nem um louco para resolver, e vou trabalhar para isso.

Eu, agora, estou mandando carta para todos os presidentes de países do mundo, convidando eles para, na abertura do Congresso das Nações Unidas, em setembro, para a gente fazer uma reunião para discutir a questão da fome. Nós estamos propondo um fundo. Ainda não tenho uma definição concreta, porque eu quero ouvir todo mundo. Mas, por exemplo, nós poderemos taxar os paraísos fiscais, nós poderemos taxar o comércio de armas.

Ratinho: A própria bebida alcoólica.

Presidente: Alguma coisa nós temos que fazer, sabe por que, Ratinho? Porque tem muita gente mais pobre do que o Brasil e que está morrendo de Aids, está morrendo de fome. Então, cuidar disso... Quer dizer, se eu não falar nesse assunto, quem vai falar?

Ratinho: Exatamente.

Presidente: Na verdade, eu tinha duas músicas que eram símbolo: eu tinha “Massa Falida”, sabe... “Massa Falida” e “Espinheira”.

Ratinho: “Eita, espinheira danada”...

Presidente: Chegava na porta da fábrica às 5 horas da manhã... chegamos na



porta da fábrica às 5 horas da manhã, o Espinosa, aquele gritão:
“Companheiros e companheiras...”

_____ : Dentro de alguns instantes, ouviremos o companheiro Lula falar.

Presidente: Metia “Massa Falida”.

Ratinho: Dona Marisa, quando o Lula vai dormir, ele dorme rápido ou ele demora para dormir?

Dona Marisa Letícia: Não, dorme tranquilo.

Ratinho: Tranquilo?

Dona Marisa Letícia: Dorme bem, é.

Ratinho: Não tem aquelas preocupações?

Dona Marisa Letícia: Não. É que vai deitar muito tarde também, não é, Ratinho? Nós deitamos tarde e levantamos muito cedo. Então, quando ele cai na cama, ele dorme mesmo. São cinco, seis horas, assim... Mas ele não precisa muito para ficar bem-humorado, tendo cinco horas para dormir, já está bom.

Ratinho: Ele já levanta bem-humorado.

Dona Marisa Letícia: Ele já levanta tranquilo, bem-humorado.

Presidente: Isso aqui é que nós precisamos incentivar o pequeno sitiante a ter.



O cara pode plantar o que ele quiser, mas ele tem que ter um tanque.

Ratinho: Você sabe fazer churrasco, não? Você só come o que os outros fazem?

Presidente: Não, é porque todo brasileiro pensa que sabe fazer.

Ratinho: Um bofe, já comeu, não?

Presidente: Na verdade, nós somos...

Ratinho: Você falou que o teu pai comprava bofe...

Presidente: Comia...

Ratinho: (incompreensível) também comia bofe.

Presidente: Você conhece São Caetano? Eu morei na divisa de São Caetano com São Paulo, ali na Ponte Preta, um lugar que dava enchente de um metro e meio, dentro da minha casa. E eu tinha dois cunhados que eram metidos a cantadores.

Ratinho: E eles cantavam perto do senhor.

Presidente: Não, eles cantavam e eu, no dia de domingo, era um pouco empresário. Eu empresariava eles, ou seja, eu ia...

Ratinho: Ah, você... ah, você era o empresário dos cunhados?



Presidente: Não, eu ia na casa de um cara e eu falava para o cara: Olha, vocês querem que a gente faça uma cantoria aqui, no domingo de manhã? O preço era um tira-gosto e uma cachacinha.

Dona Marisa Letícia: Olha para lá agora, que o Stuckinha vai...

Ratinho: Olha o (incompreensível), vai lá.

_____ : (incompreensível)?

Presidente: De vez em quando eu fico vendo algumas críticas que fazem a mim, Ratinho, eu fico pensando o seguinte: muitas dessas pessoas, que sabem como estava o Brasil em 2002, que sabem como estava o Brasil no começo de 2003, na verdade, eles fazem crítica porque são obrigados a fazer crítica, mas depois eles devem, sozinhos, dar graças a Deus de nós termos ganho as eleições e termos recuperado o nosso Brasil. E vamos recuperar, a economia vai crescer, nós vamos gerar os empregos, vamos bater novos recordes de exportação no nosso país e vamos gerar os empregos que nós precisamos gerar, Ratinho.

E, se Deus me ajudar, eu vou chegar no dia 31 de dezembro de 2006, no último dia do meu mandato, com praticamente os 11 milhões de famílias que vivem abaixo da linha de pobreza atendidas com o Bolsa Família. Aí, nós teremos realizado um desejo, um sonho. E obviamente que nós queremos dar mais, sobretudo dar mais emprego, porque é com trabalho que as pessoas vão viver dignamente.